



Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas

EDITORIAL

SOLIDARIEDADE E DIGNIDADE HUMANA PARA VENCER TEMPOS SOMBRIOS: (RE)APRENDEMOS A (CON)VIVER?¹

Solidarity and human dignity to overcome dark times: do we relearn how to live together?

"A solidariedade e dignidade humana são valores morais capazes de impedir o triunfo do niilismo e do totalitarismo numa época de experiências catastróficas".

Hannah Arendt (2008)

Hannah Arendt, em sua obra *Homens em tempos sombrios*, argumenta que as monstruosidades ocorridas no século XX, apesar de serem horríveis, não foram novas, assim como não se constituíram como uma raridade na história. Os tempos sombrios estão para além das desordens, das misérias, das injustiças e dos desesperos que, mesmo suficientemente reais, não são visíveis para todos. Os *tempos sombrios*, apresentados pela autora, devem ser considerados a partir da camuflagem que se difundiu com o *establishment*. Para a autora, se a função do poder público era “iluminar os assuntos dos homens, proporcionando um espaço de aparições onde podem mostrar, por atos e palavras, pelo melhor e pelo pior, quem são e o que podem fazer” (ARENDR, 2008, p. 08), quando deixam de desempenhá-lo surgem “as sombras”, os “fossos de credibilidade” e “governos invisíveis” (idem, ibidem), com discursos que não revelam as reais intenções de quem os produz e degradam toda a verdade a uma trivialidade sem sentido. Esses *tempos sombrios* solicitam, segundo Arendt (2008), solidariedade e dignidade humana como valores morais capazes de impedir o triunfo niilista e o totalitarismo instaurado.

¹ Tempos sombrios faz referência à obra *Homens em tempos sombrios*, escrita em um período de 12 anos por Hannah Arendt e publicada em 1968. A autora, por meio de ensaios biográficos de homens e mulheres que viveram os "tempos sombrios", na primeira metade do século XX, discute como eles compreenderam o totalitarismo vividos nessa época.

Estamos iniciando a segunda década do século XXI e, mais do que nunca, tornou-se evidente a instauração desses *tempos sombrios*, por meio de ações explícitas de intolerância racial, religiosa, de gênero, violência contra mulheres e imigrantes, que ganharam as mídias e invadiram as redes sociais, mostrando as fragilidades humanas e evidenciando nossas misérias e preconceitos. Em meio a esse cenário, a insurgência da Covid-19 obrigou-nos a viver em distanciamento social, fato que nos levou a remodelar nossas experiências, as quais tiveram que ser intensificadas pelos aparatos tecnológicos e, sobretudo, pelo uso da internet.

Entretanto, ao final de 2020, ainda pudemos vivenciar o que Harendt (2008) discute sobre o direito de se buscar encontrar alguma iluminação em meio a todas as sombras em que se vive. Desse modo, a educação e a ciência revelaram, mais uma vez, o sentido aristotélico de política como ato que busca o bem-comum da humanidade e, pelo conhecimento como meio para ação, travaram estudos e experimentos que resultaram na iluminação mais esperada para todos: o desenvolvimento de vacinas contra o novo Coronavírus.

Com essa luz ao fim do túnel, abrimos o editorial da Revista GEADEL, primeiro volume, número 02, 2020, em *tempos sombrios*, porém, esperançosos, apresentando os diálogos responsivos estabelecidos nos artigos que o compõem, nas inúmeras e diversas atividades ligadas aos usos da linguagem (BAKHTIN [1952-1953] 2016) e ao caráter multiforme em que se apresentam. É na intenção de romper com as “situações limites” que se busca na reflexão-ação o “inédito-viável” (FREIRE, 1987, p. 60) para superar as barreiras que precisam ser vencidas.

Assim, Freire nos convida a refletir sobre as ações teóricas dos espaços acadêmicos “para além de” na possibilidade de se construir maneiras de intervenção social, centrando-se, não somente, em conteúdos desenvolvidos nas áreas, mas na criação de diferentes estratégias para se agir diante do viver, do sentir e do (im)possível que se pode se tornar possível (FREIRE, 1987). Como agir diante da impossibilidade de sentir o outro, por meio de seu calor ou do sentir a textura do seu abraço ou, simplesmente, o ouvir por meio do olho no olho? A situação atual, em meio a isolamentos necessários (desrespeitados por negacionistas do viver), nos impeliu, mesmo que antes de qualquer pandemia a ação humana pressupunha a prática diária de interação por meio de conflitos diversos, a reflexão do (re)criar. Agora, neste momento, não sabemos até quando – tendo em vista que este texto é datado –, teremos que nos enxergar em espaços translúcidos e ouvir (ou ver) pelas lentes dos computadores, celulares etc.? Perguntas sem respostas, como são, as ações daqueles que querem destruir o indestrutível de Sandra Mara Souza de Oliveira Silva e Shelton Lima de Souza e penetrar o impenetrável.

Diante do contexto de isolamentos e criações de interação para além do corpo a corpo em enlace, o primeiro artigo, *A palavra escrita no 6º ano do Ensino Fundamental: um estudo sobre segmentação de palavras mediado pelo Scratch*, de autoria de Mychelli de Oliveira Costa Dantas, apresenta os resultados de um jogo eletrônico, desenvolvido com o intuito pedagógico de se criar estratégias para que alunos do 6º ano do Ensino Fundamental possam praticar a segmentação de palavras de modo mais lúdico, por meio da ferramenta *Scratch*, em busca de compreenderem os mecanismos que regem a convenção ortográfica.

No segundo artigo, *O letramento literário: reflexão, proposta e análise a partir do conto “uma galinha”*, de Clarice Lispector, as autoras Karina Souza, Carmen Oliveira e Gisela Penha propõem uma discussão que privilegie a articulação de vários procedimentos didático-pedagógicos no desenvolvimento de estratégias de interação do aluno com o texto literário e sua linguagem, com a finalidade de promover práticas de leitura literária em sala de aula no Ensino Fundamental.

O terceiro artigo, intitulado *Vamos em bora: o funcionamento da grafia hipersegmentada de embora* em textos do Ensino Fundamental II, da autora Roberta Pereira Fiel, apresenta uma análise do funcionamento sintático, morfossemântico e prosódico da hipersegmentação de *embora* em textos produzidos nos anos finais do Ensino Fundamental a partir de uma concepção heterogênea de constituição da escrita, que evidencia a circulação do escrevente por práticas orais/faladas e letradas/escritas.

No quarto artigo, *Tradições discursivas e fraseologia: mudança e permanência das colocações em reclames publicitários*, o autor Jean Michel Pimentel Rocha analisa colocações formadas a partir do substantivo *preço* em anúncios de revistas e jornais publicados no final do século XIX e no início do século XX, a fim de correlacionar as Tradições Discursivas e a Fraseologia, evidenciando que colocações se constituem como Tradições Discursivas, levando em consideração seu comportamento de repetição, fixado e convencionalizado pelo uso linguístico.

No quinto artigo, *O discurso das roupas: uma análise acerca do ethos transmitido pelas roupas dos personagens do episódio “Nosedive”*, da série *Black Mirror*, a autora Kelly F. Mayrink Drumond trata da forma como a indumentária se apresenta dotada de intencionalidades comunicativas, no sentido de que a escolha das roupas no referido episódio evidencia a tendência para pertencer, ou querer ser considerado como pertencente, a uma determinada categoria ou tipologia social, constituindo uma prática discursiva não verbal intrínseca às roupas, vinculada ao *ethos* transmitido pelas personagens.

O sexto artigo, *Discussão sobre o aumento do discurso de ódio nas redes sociais: uma análise bibliográfica*, dos autores Darlice Silva Monte e José Ribamar Lopes Batista Jr., discute duas matérias publicadas na revista *Veja* no ano de 2020, com a finalidade de mostrar como a fala de pessoas socialmente

influentes contribui para a construção, a manutenção e o aumento de uma cultura de ódio, análise essa baseada na perspectiva da Análise de Discurso Crítica.

No sétimo e último artigo, *Canção: um documento autêntico para o ensino de Fonética em FLE*, de autoria de Daniele Nolasco e Dennys Silva-Reis, os autores propõem uma proposta de sequência didática voltada para o ensino dos sons [y], [ø] e [œ], por meio da canção *Je veux* de Zaz, por considerarem que para o ensino de fonética nas aulas de língua francesa, a canção pode ser um instrumento eficaz para o desenvolvimento da consciência articulatória de uma língua estrangeira.

Além dos artigos, este número da revista Geadel traz duas resenhas. A primeira, intitulada *A categoria de tempo em trajetória: das perspectivas filosóficas às linguísticas*, de Sandra Mara Souza de Oliveira Silva e Shelton Souza, apresenta uma leitura do livro de Jussara Abraçado, *O tempo, o tempo linguístico e o tempo verbal: propriedades e relações*, publicado pela editora Contexto em 2020. Por fim, a segunda resenha, *A escrita em contexto universitário: reflexões e propostas*, de Geovana dos Anjos Nascimento, traz considerações sobre o primeiro volume da coleção *Escrever na Universidade*, de Francisco Eduardo Vieira e Carlos Alberto Faraco, intitulado *Fundamentos* e publicado em 2019 pela Parábola Editorial.

Retomamos Hannah Arendt (2008) ao argumentar que, mesmo em tempos mais sombrios precisamos perseverar, buscar a humanidade e a solidariedade que nos torna únicos, seres humanos com liberdade para pensar e agir. Para a autora, a liberdade de movimento é condição indispensável para a ação e é na/pela ação que experimentamos a liberdade no mundo. Esse “aprender a pensar como pura atividade” (ARENDR, 2008, p. 192) torna-se uma paixão que não sufoca as outras capacidades, mas ordena-as e as governa. Ainda segundo Arendt (2008) por estarmos habituados aos binarismos, a ideia de um pensar apaixonado, em que o “Pensar e o Estar-Vivo se tornam um” (idem, ibidem) costuma nos espantar, fazer-nos recuar. Todavia, é diante dessa liberdade para pensar e buscar, no diálogo antecipado com os outros, que temos a liberdade para agir contra os preconceitos, o totalitarismo, as ações desumanas.

É com propostas de reflexão sobre a linguagem, que envolvam descrição linguística, ensino de língua e de literatura e análise de discursos, então, sintetizados nos artigos e resenhas que compõe este número, que a Revista Geadel procura contribuir para a construção de momentos de solidariedade e dignidade humana, movendo, sempre à frente, as discussões que alimentam os estudos sobre a linguagem.

Universidade Federal do Acre – UFAC, Rio Branco-AC, 29 de dezembro de 2020.

Referências

ARENDDT, H. **Homens em Tempos Sombrios**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas). Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, [1952-1953] 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Grassinete C. de A. **OLIVEIRA** (GEADEL/UFAC)²

Shelton **SOUZA** (GEADEL/UFAC)³

Paula Tatiana da **SILVA-ANTUNES** (GEADEL/UFAC)⁴

Gabriela **OLIVEIRA-CODINHOTO** (GEADEL/UFAC)⁵

Maristela Alves de Souza **DINIZ** (GEADEL/UFAC)⁶

² Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2765-8705>; grassinete@hotmail.com

³ Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4735-8531>; shelton.linguista@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7372-8153>; paula.silva.pts@gmail.com

⁵ Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0883-0984>; codinhoto.gabriela@gmail.com

⁶ Universidade Federal do Acre, Rio Branco, Acre, Brasil. Centro de Educação, Letras e Artes (CELA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9841-3847>; malvesdiniz1@gmail.com